

## **Retratos do São Francisco: a população ribeirinha vista por Teodoro Sampaio**

Christophe Barros dos Santos Damázio

### **1.1- Introdução**

Após uma prolongada seca que devastou o sertão nordestino (1877-1879) e que resultou na morte de aproximadamente 300.000 pessoas, o governo imperial começa a olhar com maior cuidado e atenção para a região. Desse modo, o visconde de Sinimbu, presidente do gabinete ministerial entre 1878-1880, criou a Comissão Hidráulica, que iria realizar explorações e pesquisas no vale do rio São Francisco que serviriam de base para futuros melhoramentos na navegação fluvial que, até então, era o meio transporte mais eficaz para se chegar aos locais mais distantes do interior das províncias que eram atravessadas pelo “velho Chico”. Além disso, a Comissão deveria realizar estudos acerca das riquezas naturais do vale do São Francisco a fim de servirem de base para a implementação de políticas públicas que promoveriam o desenvolvimento econômico e social da região.

A expedição que partiu do Rio de Janeiro em julho 1879 deveria percorrer toda a extensão navegável do grande rio, desde sua foz, na divisa entre as províncias de Alagoas e Sergipe, até Pirapora, Minas Gerais. Ela era chefiada pelo engenheiro norte-americano Willian Milnor Roberts e composta por outros engenheiros e estudiosos estrangeiros e brasileiros. Dentre esses últimos, destacou-se o engenheiro baiano Teodoro Sampaio.

Filho de um padre com uma escrava, Teodoro Fernandes Sampaio nasceu em um engenho de açúcar do recôncavo baiano no ano de 1855. Levado pelo pai, o menino de nove anos de idade vai para o Rio de Janeiro onde faz seus estudos de 1º 2º graus e, posteriormente, ingressa na Escola Politécnica, de onde sai graduado em engenharia. Durante sua vida, trabalhou como engenheiro em construções de ferrovias, projetos de saneamento e urbanização, ocupou cargos importantes em diversas instituições públicas (secretaria do Interior do Estado de São Paulo; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e outros), publicou trabalhos que se tornaram referências nacionais em cartografia, geografia e geologia e também ocupou uma cadeira de deputado na Câmara Federal, em substituição a Otávio Mangabeira, convocado pelo então presidente Washington Luis para assumir o Ministério das Relações Exteriores em 1929 (SANTANA, 2002).

Como integrante da Comissão Hidráulica, Teodoro Sampaio escreveu um detalhado diário de viagem onde descreveu as formações geológicas, condições climáticas, vegetação,

relevo e demais aspectos geofísicos do vale do rio São Francisco, além de relatar as peculiaridades cotidianas das populações ribeirinhas bem como a realidade socioeconômica das mesmas. Em vários aspectos, os relatos contidos neste diário são bastante minuciosos, afinal, eles poderiam servir como base de estudos mais aprofundados das potencialidades econômicas da região. Porém, deve-se ressaltar que nenhum estudioso consegue se livrar de seu passado e dos elementos mais marcantes de sua formação intelectual na hora de analisar seu objeto de estudo. Assim, as descrições feitas pelo engenheiro baiano em seu diário de viagem estão impregnadas de idéias, conceitos e pré-conceitos de ele possui acerca da população que habita as margens do “velho Chico”.

Este trabalho se propõe a analisar as imagens e noções de identidade das populações ribeirinhas do vale do São Francisco que emergem dos relatos de viagem de Teodoro Sampaio e como as características socioeconômicas do território estudado confirmam ou contradizem essas descrições.

## 1.2- Preguiça X Trabalho

O debate acerca das definições e conceitos de identidade é dos mais populares entre sociólogos, antropólogos e demais cientistas sociais. As necessidades e anseios mais urgentes de um determinado grupo social são relevantes na formação de sua noção de identidade. Assim, quem pretende realizar um estudo do contexto histórico, econômico e social de uma região não pode deixar de levar em consideração a noção de identidade que a população local possui. Segundo Tomaz Tadeu da Silva:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado de aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

No caso das populações ribeirinhas do São Francisco, Teodoro Sampaio descreveu por várias vezes em seu diário a imagem de uma população avessa ao trabalho:

No *Sítio do Mato*, um povoado pobre, com umas cem casas mal construídas sobre uma barranca alta de cerca de oito metros, não foi sem dificuldade que logramos obter dos moradores a lenha precisa. Gente preguiçosa, vivendo sem trabalho, não se tomava de estímulo para ganho, respondia displicente aos que lhe falavam de aproveitar preço e ocasião: “A lenha fica muito longe...”, dizia essa gente desanimada, “e tirar lenha é serviço muito duro que não paga a pena...”, não valia o sacrifício dos seus cômodos quando bem à mão estava o peixe que não faltava e dava muito para viver

sem maçadas... Demais, ajuntava o bando dos preguiçosos, não tinham ferramentas nem quem os ajudasse no transporte para a beira do rio... careciam de algum dinheiro adiantado para a comida... Um deles alegava a sua *maleita*, que não deixava de vir todas as tardes, outro tinha a mulher doente, este precisava ir avisar primeiro um amigo, aquele outro por na estar acostumado a tais misteres. Só a muito custo o bando seguiu para o mato a ganhar a vida mais honradamente. (grifos do autor) (SAMPAIO, 2002, p. 132-133).

Em outra passagem o engenheiro reforça ainda mais idéia de que a preguiça é uma característica marcante das populações ribeirinhas:

Nestes sertões, o homem pobre nunca é suficientemente pobre que precise viver do salário. O mundo aqui é largo demais para que se faça sentir a pressão das necessidades.

A natureza pródiga não deixa haver a verdadeira pobreza que force a trabalhar e que obrigue e mantenha a disciplina pela necessidade de viver. Não há aqui, tampouco, estímulo para capitalizar. Vive-se bem, vive-se ao natural, sem cuidados pelo futuro, porque a pobreza aqui não aterra ninguém.

O rio é um enorme viveiro, onde o peixe não escasseia jamais, assim como as catingas e as matas marginais um imenso e inesgotável tesouro, fácil de explorar nos momentos, nos raríssimos momentos em que a preguiça cede um pouco de seu império (SAMPAIO, op.cit, p. 142-143).

Por meio dos relatos supracitados, percebe-se que a imagem da população ribeirinha descrita por Teodoro Sampaio se assemelha a visão que muitos outros intelectuais de seu tempo tinham a respeito do povo brasileiro. Em trabalho intitulado *O motivo edenico no imaginário social brasileiro*, José Murilo de Carvalho descreve essa realidade por meio de vários exemplos. No livro *Diálogos das Grandezas do Brasil*:

depois que Bradonio descreve as maravilhas da terra, é interpelado por Alviano, que lhe pergunta como se explicaria então a carestia de todos os produtos. A resposta de Bradonio: é culpa, negligencia e pouca indústria de seus moradores (CARVALHO, 1999, p. 34).

A suposta preguiça e indolência do povo brasileiro já eram relatadas por alguns estudiosos europeus que desbravaram o interior do país durante os períodos colonial e imperial.<sup>1</sup> Desse modo, pode-se concluir que a visão de Teodoro Sampaio acerca das populações ribeirinhas do “velho Chico” se formou a partir de uma série de conceitos, ou pré-conceitos, que já estavam há muito enraizados na memória da elite intelectual brasileira.

---

<sup>1</sup> Trata-se dos viajantes europeus que, tanto em expedições científicas oficiais como particulares, percorreram as regiões mais distantes do Brasil, descrevendo as paisagens naturais, populações indígenas e também alguns aspectos culturais das populações interioranas. Dentre esses viajantes, podemos citar Auguste de Saint Hilaire, Alexander von Humboldt, o príncipe Maximilian von Wied e outros.

Na segunda metade do século XIX, época em que a industrialização entrava em fase de rápido desenvolvimento e expansão na Europa e nos Estados Unidos, os valores defendidos pela burguesia em ascensão começavam a se popularizar, mesmo em países onde a industrialização ainda era incipiente, como o Brasil. Dentre esses princípios, destacava-se a valorização do trabalho assalariado, não só como forma de mais digna de obter os recursos necessários à sobrevivência, mas também como instrumento de ordenação e controle social das classes mais desfavorecidas. Um exemplo dessa realidade ocorreu na Inglaterra, quando a burguesia e as classes fundiárias uniram forças para lutar pela abolição da Speenhamland Law, que garantia aos pobres uma renda mínima para sua sobrevivência. Graças a esse abono, fazendeiros e industriais viram a oferta de mão-de-obra cair drasticamente, o que os motivou a lutar pela extinção da lei, que ocorreria em 1834. A situação social da Inglaterra durante a vigência da Speenhamland Law foi bem descrita por Harriet Martineau:

O imposto dos pobres se tornara uma espoliação pública... Para conseguir a sua parte os mais brutos bajulavam a administração, os dissolutos exibiam seus bastardos, que precisavam ser alimentados, os preguiçosos cruzavam os braços e esperavam. Rapazes e moças ignorantes casavam-se contando com ele; caçadores furtivos, ladrões e prostitutas extorquiam-no através da intimidação; juízes do campo esbanjavam-no em busca de popularidade e os guardiões por conveniência. Essa era a forma de gerir o fundo... O fazendeiro, ao invés de dispor de um número satisfatório de trabalhadores para cultivar sua terra – trabalhadores pagos por ele mesmo -, era forçado a manter o dobro da quantidade e os salários eram parcialmente pagos em impostos. Esses homens, empregados por ele através de compulsão, ficavam fora de seu controle – trabalhava ou não, conforme lhes aprazia – diminuíram a qualidade de sua terra e impediram-no de empregar homens melhores, que trabalhariam duramente pela sua independência. Esses homens melhores acabavam se perdendo entre os piores; o aldeão contribuinte de impostos, após uma luta vã, terminava procurando a assistência na mesa paga... (MARTINEAU apud POLANYI, 1980, p.108-109).

Embora o Brasil, durante o Segundo Reinado, fosse um país escravocrata e de economia agrário-exportadora, percebe-se que Teodoro Sampaio compartilhava dos valores da burguesia industrial europeia no que se refere ao trabalho assalariado. Este fato não deve ser visto com estranheza, afinal, na época em que seu diário foi escrito (1880), a elite intelectual brasileira, envolvida em causas como a abolição da escravidão – que ganhou força a partir da década de 1870 – buscava construir uma nova imagem do país, ligada ao progresso econômico, ciência e cultura. Assim, nada mais natural que esses intelectuais buscassem enquadrar o país nos padrões de “civilidade” que eram ditados pelos europeus, tidos como

ponto de referência nesse aspecto. Uma outra passagem do diário de Teodoro Sampaio ilustra claramente essa realidade:

Nestas paragens, o deserto é apenas aparente. O Brasil, em verdade, é mais habitado do que se pensa e menos rico do que se presume.

Daqui para cima, em ambas as margens do São Francisco, não faltam moradores. A população é mesmo numerosa, bem que pouco produtiva. *Vive alheia às leis econômicas* (grifos nossos). Produz apenas o preciso para viver. Não importa, porque não produz para trocar, nem troca ou permuta porque não tem mercado para fazê-lo.

Nas estradas que margeiam o rio ou dele partem em direções diversas, as habitações se sucedem a miúdo, formando pequenas povoações, lugarejos insignificantes, e algumas vilas e cidades. Nas povoações ribeirinhas, o aspecto de pobreza e atraso é extremo. Vive-se aí sem saber de quê. Não se vê agricultura alguma, nem trabalho permanente. Na beira do rio, no lameio das margens, onde a umidade resiste melhor à secura do ar, descobrem-se as vezes os restos de uma plantação de milho, de abóboras, de batatas-doces, e mandioca, mas tudo em proporções minúsculas e muito pouco cuidadas (SAMPAIO, 2002. p. 96-97).

Quando o engenheiro baiano menciona que as populações ribeirinhas vivem alheias às *leis econômicas*, a que ele está se referindo? Que leis seriam essas? Por meio dos dois trechos supracitados anteriormente, percebe-se que Teodoro Sampaio estabeleceu o sistema da economia de mercado como o ideal e tratou a economia de subsistência praticada pelos sertanejos, baseada na pesca e no extrativismo, com menosprezo. Tal comparação revela que o nosso cronista de viagem, analisou a realidade das comunidades ribeirinhas do “velho Chico” com os olhos de um observador europeu, ou norte-americano, de mentalidade capitalista-burguesa, na qual o trabalho assalariado e a economia de mercado são características fundamentais.

Entretanto, a idéia de que o homem ribeirinho é avesso ao trabalho deve ser vista com ressalvas, afinal, se adotarmos o conceito de que trabalho é toda atividade humana que transforma a natureza em busca da sobrevivência, veremos que ele não é preguiçoso, pois a pesca e as atividades extrativistas na caatinga, tão menosprezadas por Teodoro Sampaio, também são formas de trabalho. Como afirma Karl Polanyi:

A descoberta mais importante nas recentes pesquisas históricas e antropológicas é que a economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais. (...) Ele valoriza os bens materiais na medida em que servem a seus propósitos. Nem o processo de produção, nem o de distribuição está ligado a sistemas econômicos específicos relativos à posse de bens. Cada passo desse processo está atrelado a certo número de interesses sociais, e são estes que asseguram a necessidade daquele passo. É natural que interesses sejam muito diferentes numa pequena comunidade de caçadores ou pescadores e numa ampla sociedade despótica, mas tanto numa como noutra o sistema será dirigido por motivações não-econômicas (POLANYI, 1980, p.61-62).

Embora a natureza do vale do rio São Francisco seja descrita por Teodoro Sampaio como exuberante e pródiga, o menosprezo que demonstra pela pesca e atividades extrativistas remonta a uma forma de pensar que, segundo Roberto DaMatta, faz parte do ideário da colonização portuguesa no Brasil que, desde o início, teve uma relação predatória com a natureza, que estaria totalmente a mercê do homem. Para o autor, “a natureza é boa para viver, mas também é boa para explorar” (DA MATTA apud FARES, 2001, p.185).

### **1.3- Sofrimento e Conformismo: marcas do homem sertanejo**

No perfil do homem ribeirinho, traçado por Teodoro Sampaio em seu diário, também merece destaque os relatos em que descreve o caráter sofredor e conformado do mesmo. Ao aportar na cidade de Penedo, Alagoas, ponto de partida da expedição da Comissão Hidráulica, o engenheiro baiano assim descreveu o que viu:

A população da cidade estava muito aumentada com a gente emigrada dos sertões pela seca. Viam-se nas ruas muito povo faminto e sem trabalho, levas de mendigos andrajosos esmolando ou estendidos pelo chão à sombra das árvores, homens que foram robustos, belos tipos de uma adaptação admirável, como se forma esqueletos vestidos de couro.

A fome, que os tinha depauperado e dizimado aos centos, cedera lugar á varíola, que devorava famílias inteiras destes desgraçados de tão longe, fugindo às misérias da seca, tinham vindo procurar socorro às margens do grande rio.

O São Francisco, como um oásis no deserto, através dos sertões adustos da Bahia ao Ceará, de Pernambuco ao Piauí, é, na verdade, *a terra da promessa* e o refúgio daqueles povos assolados pela seca prolongada e periódica (grifos do autor) (SAMPAIO, 2002, p.61-62).

Descendo o rio, na cidade de Piranhas, Sergipe, a expedição encontrou realidade semelhante:

Chegávamos exatamente na ocasião em que se distribuían os socorros à população faminta no barracão próximo à estação da estrada de ferro. O aspecto dessa gente não negava os sofrimentos por que tinham passado. As mulheres e crianças macilentas, sujas e com roupas em farrapos, assentadas pelo chão, traíam um sofrimento que os primeiros socorros lograram totalmente extinguir.

Mas a fraqueza e debilidade do que a impaciência no receber o minguido socorro, vagarosamente distribuído. Davam-lhes um aspecto triste, desconsolado e doentio (SAMPAIO, 2002, p.73).

A imagem dos ribeirinhos como um povo conformado com o sofrimento, abandono e desmandos dos poderosos locais foi descrito por Teodoro Sampaio de maneira categórica. Quando a expedição chegou a cidade de São Francisco, Minas Gerais, seus integrantes presenciaram a inércia dos humildes habitantes frente aos abusos de poder cometidos por um

influyente “coronel” da região, conhecido por *Neco*. Em seu diário, Sampaio descreveu da seguinte maneira o episódio:

Na cidade de São Francisco foi-nos dado ainda apreciar uma destas cenas vergonhosas, destas peripécias da luta com que o *Neco* vinha deflagrando em toda a essa região.

O terror dos jagunços tinha chegado até aqui. Todo o mundo se arreceava deles e ansiava por notícias seguras do que acontecera em Januária e por certificar-se se já não estavam eles em marcha para virem atacar a cidade e libertar os seus amigos conduzidos presos para aqui.

Soubemos pouco depois que o *Neco* já os havia reclamado por meio de emissários que acabavam de chegar.

A intimação era peremptória: - ou entregavam os presos que haviam sido transferidos da cadeia de Januária, ou ele em pessoa os viria buscar.

A entrega não se fez esperar.

De fato, estando nós á tarde à beira do rio, examinando a bela barranca de calcário e xistos, deparou-se-nos um grande ajuntamento de povo silencioso e triste a observar alguma coisa que se passava no porto de embarque.

Olhamos para o rio e vimos, já afastando-se da margem, uma grande canoa com alguns homens nela. Estes sim, falavam em altas vozes, em tom de desafio e com gestos ameaçadores e, além disso, soltavam foguetes à medida que se apartavam levados pela corrente.

Intrigando-nos o fato, aproximamo-nos para indagar do que se passava.

Soubemos então que aqueles homens, que tão estranhamente se despediam, eram os tais presos com os jagunços do *Neco* que lá iam triunfantes juntar-se aos da sua grei.

E ai anchos e orgulhosos de sua valentia, desfeiteando a tudo e a todos. Certos de que ninguém ali lhes faria frente, não se tinham aqueles poucos bandidos contentado em *vir, ver e vencer*, não se satisfaziam com a humilhação que infligiam a toda uma população intimidada e inerme, insultavam-na agora, lançavam-lhe em rosto a sua pusilanimidade, e esfoguetavam, assobiavam, riam daquela mísera fraqueza que nem, ao menos, tivera a compostura de ocultar, mas bem ao contrário, presa de uma doentia curiosidade, tinha afluído ao cais para assistir ao seu próprio vilipêndio (SAMPAIO, 2002, p. 165-166).

É interessante notar que o sofrimento e o conformismo, descritos por Teodoro Sampaio como características marcantes das populações ribeirinhas do “velho Chico”, ainda fazem parte da noção de identidade que muitos brasileiros possuem. Em uma pesquisa recente, realizada pelo instituto Vox Populi, a pedido da revista Veja, em parceria com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, acerca da auto-imagem da população brasileira, o resultado foi o seguinte: quando perguntado aos entrevistados qual o característica mais marcante do povo brasileiro, a de **sofredor** ocupou o primeiro lugar (74,1%), enquanto que a de **conformado** ficou na quarta posição (61,4%) (CARVALHO, 1999, p.35).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de tudo que foi explicitado, a que conclusão se pode chegar acerca da imagem do homem ribeirinho, descrito por Teodoro Sampaio em seu diário? Sofredor? Conformado? Preguiçoso? Qual dessas características realmente faz parte da personalidade das populações ribeirinhas descritas pelo engenheiro baiano?

O sofrimento que foi constatado por Teodoro Sampaio durante sua viagem pelo “velho Chico”, com certeza é autêntico. Apesar de contarem com a abundância de recursos naturais oferecidos pela natureza do vale do São Francisco, os sertanejos sempre sofreram com o descaso e abandono das autoridades governamentais. Os estudos da Comissão Hidráulica, apesar de bem executados e de seu reconhecido valor científico, não resultaram em ações efetivas para resolver os graves problemas que afligiam a população local.

A extinção da monarquia e a subsequente proclamação da república não provocaram mudanças substanciais na realidade socioeconômica das populações ribeirinhas, que continuaram sofrendo com o descaso do poder público, ficando a mercê dos desmandos dos latifundiários. É verdade que, atualmente, desmandos como os que foram cometidos pelo coronel Neto, citado anteriormente, não são mais tão frequentes, afinal, o poder do Estado brasileiro já consegue se fazer presente mesmo nas localidades mais longínquas do território nacional. Entretanto, a pobreza, a carestia, a fome e outros flagelos ainda acometem grande parte das populações ribeirinhas que foram observadas por Teodoro Sampaio.

A idéia de que o conformismo é uma característica marcante do homem sertanejo que habita as margens do “velho Chico” também deve ser vista com reticências. A Conjuração São Franciscana, ocorrida em 1736, pode ser considerada uma prova contundente de que nem sempre a população da região estava disposta a se curvar frente aqueles que lhes eram superiores. Embora tivesse sido uma revolta liderada pelos potentados locais (grandes criadores de gado), a grande adesão das massas populares demonstrou que as mesmas também não se conformavam com o modo como a Coroa portuguesa administrava a região, procurando tirar dela o máximo que podia em impostos e outros tributos e lhe devolvendo o mínimo em investimentos, quando devolvia.

No que se refere à preguiça, parece evidente que Teodoro Sampaio se deixou influenciar pelos valores e padrões socioeconômicos que floresceram no seio da sociedade burguesa européia de seu tempo. Como as populações ribeirinhas do “velho Chico” não se enquadravam nesses padrões, o engenheiro baiano acabou fazendo um julgamento equivocado das mesmas. Segundo Kathryn Woodward:

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas de construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura” (grifos do autor) (WOODWARD, 2000. p. 41).

Por meio da citação anterior, percebe-se que, apesar de toda cultura e boa formação acadêmica que possuía, talvez tenha faltado a Teodoro Sampaio um pouco de sensibilidade para perceber que era nas peculiaridades do modo de vida das populações sertanejas que se poderia encontrar sua verdadeira identidade cultural.

Vivendo em uma região, que desde o período colonial, sempre foi relegada para segundo plano pelas autoridades públicas, o homem sertanejo sempre teve que se esforçar muito para conseguir os recursos indispensáveis à sua sobrevivência. Convivendo de perto com um meio ambiente selvagem, onde as forças da natureza sempre se manifestam de forma intensa, as populações ribeirinhas conseguiram desenvolver estratégias econômicas que mais se adequavam a realidade em que viviam. Assim, o fato do trabalho assalariado não ter se estabelecido na região do vale do São Francisco na época em que Teodoro Sampaio percorreu o leito do grande rio, não pode ser atribuído à falta de interesse ou empenho dos sertanejos, mas sim à falta de recursos e investimentos governamentais em atividades produtivas que prescindissem dessa forma de mão-de-obra.

Apesar de algumas observações feitas por Teodoro Sampaio terem resultado em julgamentos equivocados acerca da realidade das populações ribeirinhas, não se pode negar que seu diário é uma fonte de inestimável valor para todos os estudiosos de geografia, história e ciências sociais que tem o interesse aprofundar seus conhecimentos acerca da realidade econômica, social e cultural do povo que habita às margens do São Francisco no final do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José M de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: PANDOLFI, Dulce C., CARVALHO, José M., CARNEIRO, Leandro P., GRZYNSZPAN, Mário (orgs). *Cidadania, justiça e violência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FARES, Cláudia. Alguma coisa está fora da nova ordem mundial: a construção de uma identidade. In: MENDES, Cândido (org), SOARES, Luis Eduardo (edi). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2002

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SANTANA, José C. Barreto de (org). *Teodoro Sampaio – O Rio São Francisco e Chapada Diamantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Tomaz T. da (org), HALL, Stuart., WOODWARD, Kathryn (org). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.